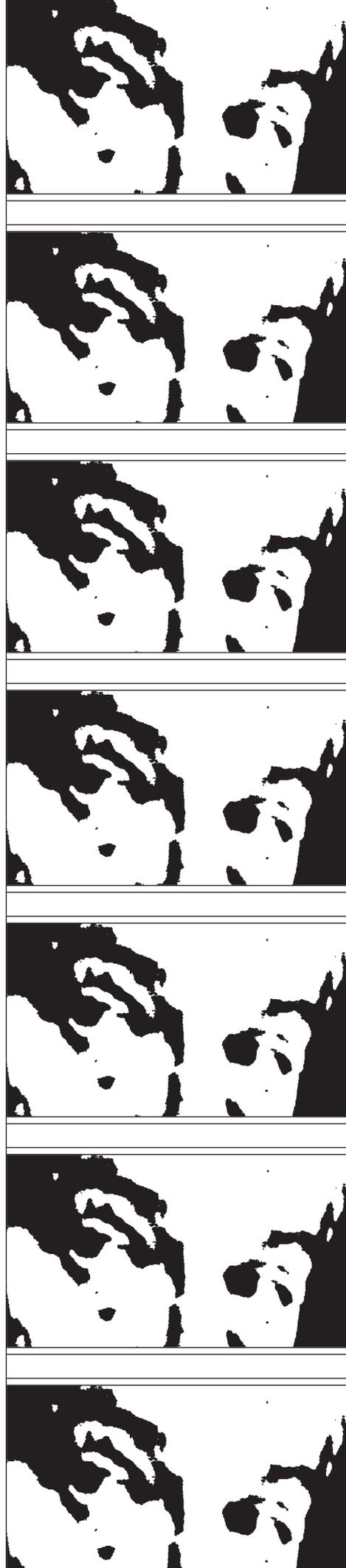


# ● lugar da psicanálise



**E**ste ensaio constará de dois temas, que são nossas preocupações comuns: A Inserção da Psicanálise na Crise da Cultura e A Instrumentalização do Homem Contemporâneo.

Usamos, para composição do texto, muito do que entendemos que ocorre na psicanálise. Constituímos, como autores, uma dupla que funcionou como um grupo de trabalho, e, como analistas, nos aproximamos da crise da cultura, para encontrarmos uma linguagem que é a transformação das nossas experiências possíveis de serem publicadas, a partir do olhar analítico, não apenas para a sessão analítica, mas para o que nos é dado pela realidade humana e social.

Temos observado também de longa data, a partir do nosso próprio caminho, desde nossa formação como psicanalistas, e na última década acompanhando como analistas didatas a formação de candidatos, que a psicanálise tem uma importância central, no sentido de ser fonte: 1) de inspiração e de sensibilização do candidato para o atendimento de seus clientes; 2) de desenvolvimento da personalidade do candidato; 3) de, através de seus conceitos, possibilitar uma troca de experiências com colegas psicanalistas, ampliando a cientificidade da psicanálise.

Sentimos, contudo, que nos faltam recursos técnicos ainda não desenvolvidos no campo psicanalítico, no sentido de conseguirmos ampliar suas pontes com outras ciências. Proporemos neste ensaio algumas hipóteses de trabalho que possibilitariam essa integração.

Entendemos a cultura como produtora de conhecimentos. No momento parece existir uma hiperprodução de conhecimentos. A quem ela serve? Onde fica o sujeito? O sujeito está em *crise* (1)? Além das acepções de crise que encontramos em dicionários, podemos muito bem compreender crise e psicanálise como gêmeas, na medida em que a postura psicanalítica é uma postura crítica, ou que, assim como a *ciência e a razão*, nasce com a dúvida sobre os fatos como aparecem ao senso comum, ou aos preconceitos. Entra-se em crise, com a crítica que põe pelo avesso conhecimentos insuficientes, buscando uma evolução e ampliação do conhecimento. A *crise-crítica* fará parte da dor pela ameaça de perda de velhos padrões, mesmo que eles não sirvam mais.

Em função dessa crise do sujeito é que a psicanálise ganha lugar na cultura contemporânea, tendo em vista que o sujeito precisa de tempo para lidar com ele mesmo, de um lado, e de um outro lado com as exigências da cultura ou do grupo.

Os modelos tradicionais de resolução são conhecidos: massificando ou rompendo explosivamente o estabelecido. A psicanálise, em contraparte, fecha

**DEODATO CURVO DE AZAMBUJA** é membro efetivo, analista didata e diretor do Instituto da SBPSP.

**ALFREDO MENOTTI COLUCCI** é membro efetivo e analista didata da SBPSP.

1 "Crise", no *Dicionário Aurélio*, aparece de imediato como algo "multidimensional, não unidimensional": o dicionário registra significados patológicos, sociológicos, socioeconômicos e figurativos, da palavra "crise". "Crise", em patologia, remete a uma alteração sobrevinda no curso de uma doença; figurativamente, remete a uma conjuntura perigosa, um momento decisivo – um ponto de virada, um *turning point* – ou um ataque de nervos; em termos sociopolítico e econômico, a idéia de "crise" traz logo à mente a idéia de um ponto de transição entre a prosperidade e a depressão, ou da situação social decorrente da mudança de padrões culturais, que se resolve na elaboração de novos hábitos por parte do grupo; uma espécie de fase de transição entre dois momentos, na qual o "novo" ainda não logrou substituir o "antigo". Curiosamente, "crise", no dicionário, remete também a "um tecido antigo", e à palavra *cris*, aparentada com o termo francês *gris*, denominativo de uma cor meio escura, obscura, pardacenta. A cor de uma espécie de fogueira, ou fumaça, que não deixa as coisas bem claras. Ou seja, "crise" parece ser sempre alguma coisa da qual fazemos, de imediato, algum tipo de *representação visual*, como veremos ao discutirmos as exposições "Freud" e sobre "Século Americano", mais adiante.

a questão para soluções messiânicas para o desamparo do homem, permitindo a construção de um caminho processual, ou seja, por aproximações sucessivas e elaboração do conflito entre o ser sujeito e seus objetos. Nessa ordem, o Sujeito é visto como expressão da vontade e o Objeto, da ordem da representação, portanto ligado ao espaço-tempo e à causalidade.

Por exemplo: o conto infantil *A Pequena Sereia* (2) relata as vicissitudes de uma adolescente no processo de construção de sua feminilidade. Busca inicialmente a Bruxa do Mar, que através de seus poderes messiânicos pode lhe conferir sua feminilidade, mas à custa de castrá-la no que possuía como bem mais precioso, a sua voz. Encontra seu príncipe, que numa luta consegue vencer a Bruxa do Mar, figura feminina, híbrida, com tentáculos, e com isso resgatar Ariel, a pequena sereia. É pela figura do Pai, o rei Tritão, que vai obter a autorização de adquirir a condição humana e se realizar como mulher. Seu desejo é alcançado, mas só com a ajuda das figuras masculinas é que Ariel (como sujeito de sua vontade) consegue sair do mar (ganhar espaço e tempo), ou do mundo narcísico materno asfixiante (mundo dos objetos).

Uma das múltiplas funções da psicanálise é permitir a observação do que ocorre com o sujeito, e a conseqüente investigação do novo que emerge frente a sua inter-relação com o mundo. Esta ampliação das percepções favorecerá a aproximação do sujeito com o outro, permitindo o estabelecimento de novos vínculos, símbolos e relações, o que é também conseqüência da ampliação da função psicanalítica da personalidade pelo maior domínio dos recursos e capacidades do sujeito.

A psicanálise é individual, e ao prover o sujeito com seus recursos retira-o e o protege da massificação com o grupo, mas como o indivíduo é também parte do grupo as aquisições são incorporadas pelo grupo. Essa dialética somente pode ser equacionada de maneira a produzir a evolução pelo equilíbrio indivíduo  $\Leftrightarrow$  grupo, através de símbolos comuns a ambos.

Essas duas tendências existentes no indivíduo por si só o colocam em constante tensão, porém, quando em contato com um grupo, podem ocorrer fragmentações em seu *self*, desde que encontre dificuldade em lidar com a frustração, uma vez que “socialismo x narcisismo é igual à frustração de todos os instintos” (3). Por exemplo, no filme *O Resgate do Soldado Ryan*, Spielberg ilustra de forma contundente a questão do grupo em busca do resgate do indivíduo, quando o grupo e o indivíduo estão dispostos a pagar o preço de alguma frustração, para a evolução de ambos, cultura e indivíduo. Uma situação mais corriqueira é quando uma família quer sair de férias e há necessidade de conciliar os desejos dos vários sujeitos que compõem o grupo. Como todos estão acostumados com rotinas diferentes, no momento das férias cada um precisa se frustrar um pouco, no sentido de se encontrarem e criarem uma nova situação.

O conflito a que esta dupla narcisismo x socialismo nos remete se estabelece, pois, entre a vontade inconsciente grupal e as necessidades/desejos do indivíduo. A vontade grupal impõe que o indivíduo como identidade (sentido próprio) deixe de existir, para que a vontade grupal (sentido comum) domine.

Estar-em-análise é permanecer em tensão constante na direção mediana entre as forças narcisismo  $\Leftrightarrow$  socialismo, que nem sempre encontram pontes simbólicas satisfatórias. Conseqüentemente, o psicanalista e o analisando não *são*; encontram-se sempre num *vir-a-ser*. Principalmente na busca de novos símbolos-sonhos-mitopensamento para lidar com a tensão.

São vários os meios de continuidade de que o homem lança mão. A reprodução do corpo garante a continuidade da espécie. O ser humano em sua ambição de vida eterna necessita ir além de sua cria, que garante apenas a geração. Cria o pensamento que lhe possibilitará viver e se defender das agressões a que está submetido. Ganha algumas gerações a mais. Não basta. Insiste em existir, mas precisa também persistir. Desenvolve seu pensamento para a cria/

2 *A Pequena Sereia*, a partir do filme infantil de produção da Walt Disney Productions, baseado na história de Hans Christian Andersen. Voltaremos, mais adiante a essa figura mitológica.

3 W. R. Bion, *Cogitaciones*, Valencia, Promolibro, 1996, p. 50.

ação (ação de criar). Persiste para além do seu existir, através de seus pensamentos e de suas criações, tentando superar os limites de sua finitude, à medida que ganha a posteridade de seu nome através de sua família e de sua obra.

A destruição do individual implica a destruição da cultura e da civilização, além de impedir a evolução da humanidade. A psicanálise deve continuar viva, pois é provável que de nichos (buracos) surja uma contra-reação, de onde podem emergir novos pensamentos, resgatando o humano, mesmo numa cultura como a atual, com características massificantes. Cuidar da cultura é permitir o desenvolvimento da sexualidade de nossos descendentes, uma vez que o Édipo da primeira infância é o Pai – ou caminha nessa direção – e o da adolescência é a Cultura.

## A INSERÇÃO DA PSICANÁLISE NA CRISE DA CULTURA

Para Freud, as crises, no plano individual ou no plano social, são momentos que revelam aspectos fundamentais da natureza humana, sendo a cultura o produto de impulsos negados, recusados ou reprimidos, em direção a uma satisfação sexual ou agressiva mais direta. Daí, se as práticas culturais falham na tarefa de aliviar os conflitos, tem-se a crise.

Essa formulação já nos conduz de imediato a pensar em crise como uma questão de excesso, e não de escassez. Uma questão nesse caso de superprodução de pulsões, em relação à capacidade de lidar com elas. Em exposição dedicada a Freud (4), uma frase sua está colocada em destaque: “É fácil para um bárbaro ter boa saúde, mas para as pessoas civilizadas isso é muito difícil”.

Na visão de Freud, a vida social origina-se em conflitos não razoáveis, por isso a civilização esteve sempre vulnerável a disruptões radicais. As crises são “sintomas” desses conflitos primários, dos quais

Freud tratou em inúmeros trabalhos, de *Totem e Tabu* a *O Mal-Estar da Civilização*. A organização paternalista primária, da sociedade dos tempos da caverna aos dias de hoje, ao estabelecer que uns são incluídos e outros excluídos, seria uma fonte original da eclosão das crises. Vistas sob esse ponto de vista, da divisão social entre incluídos e excluídos, as crises nas sociedades de massas – e seus fenômenos decorrentes, como as várias formas de violência – assumem contornos mais nítidos.

Outra visão é a da crise como a questão central do século XX – ou do “século americano”, como o chamam os próprios, contrapondo estes últimos cem anos ao século XIX, que teria sido “o século inglês”. A crise de 29 (5) – uma crise surgida a partir de uma superprodução aparente de bens de capital – marcou um século dominado pelas imagens das explosões atômicas e das imagens transbordantes do cinema, da TV e da publicidade.

Atualmente, também vivemos sob a égide do excesso: mais livros publicados do que poderemos jamais ler; mais canais de TV aberta com mais tempo de programações do que o tempo que temos disponível para assistir; mais *sites* de Internet do que podemos acessar. O mundo está superinformatizado. Mas há também um desequilíbrio, na sociedade mundial, entre a superprodução e a escassez. Como se a sociedade precisasse parar para pensar – mais uma vez e sempre – quando, e sob que formas, é preciso parar e dar um “basta”, para evitar “as grandes depressões”.

Ao colocar estas questões, estamos nos arriscando a transcender a idéia freudiana – de impulsos incontidos no plano individual – para o social, na tentativa de compreender a crise como um fenômeno ou expressão da dificuldade de lidar com o excesso, tanto individual quanto socialmente.

A arte reflete – representa e pensa – os períodos de depressão e de energização. Na amostra do Whitney Museum, os anos que antecedem a grande crise de 29 são marcados pelas imagens das máquinas a vapor, dos automóveis, das lutas de boxe, da dança, o mundo sentindo a transforma-

4 “Sigmund Freud: Conflito e Cultura”. Essa exposição está neste ano de 99 em Nova York, no Jewish Museum e deve aportar em São Paulo no ano 2000. Anteriormente esteve na Biblioteca do Congresso Americano, onde causou bastante polémica, quanto ao reconhecimento do valor da psicanálise. Ainda?

5 “The American Century” é outra exposição atual do Whitney Museum de Nova York, que guarda igualmente preocupação com a cultura.

ção da energia, das caldeiras e dos motores em movimento e velocidade para afirmar o domínio do homem sobre a natureza, em proveito próprio. As máquinas a vapor estão de tal modo presentes nos quadros, fotos e filmes do início do século até os anos 30, que não é de admirar que Freud tenha escolhido o modelo termodinâmico para pensar o aparelho psíquico.

As imagens que sucedem a crise são, ao contrário, reflexos de uma ruptura ou da impossibilidade de manter a velocidade. As máquinas e as caldeiras param, ou tendem a parar, e a arte reflete esse *break*, essa descontinuidade. Pinta-se, filma-se, fotografa-se o deserto, a poeira. Tudo tende ao pó e à estagnação, à paralisia do movimento, ao andar a esmo, sem rumo. É o lado depressivo da crise que transforma tudo em pó, desolação, são os *years of dust*.

A arte americana, nos anos da “grande depressão”, que começa em 29, oscila entre Edward Hopper, que retrata a depressão sem retoques, sem ilusões, e Norman Rockwell, que procura injetar otimismo e valores do *american way of life* nos retratos de uma sociedade que ainda teria uma base sólida de que se valer. Ambos, de qualquer forma, pareciam mostrar metamorfoses da crise, e, de alguma forma, pareciam estabelecer, cada qual a seu modo, formas de resistência à crise. E ambos coexistiam – e coexistem naturalmente, lado a lado na exposição do Whitney – como se cada sociedade, ou cada tempo – e cada indivíduo – precisassem de ambas as coisas, de *uma espécie de equilíbrio* entre o idealismo e o realismo, a disrupção e a norma, o “sim” e o “não”.

Vejamos mais de perto como essas questões trazidas de um modo tão nítido pelos *years of dust* permeiam de outras maneiras o nosso cotidiano, e como o olhar psicanalítico pode esclarecer e se esclarecer, com as visões da crise.

Guimarães Rosa, em uma de suas *Primeiras Estórias*, “O Famigerado”, desenvolve de um modo brilhante a necessidade de um matador ser reconhecido não como uma pessoa má, mas como uma pessoa importante, como um símbolo con-

creto e famoso. Famigerado deveria ser algo do tipo gerado pela fama, e pela importância. Isso nos remete à questão dos cenários da violência, que se manifestam em meio à crise. Uma pergunta muito frequente é se os meios de comunicação de massa não seriam um dos causadores da violência. O problema pode ser colocado de outro modo, a partir do que estamos pensando. Os famigerados têm uma necessidade vital dos meios de comunicação, caso contrário não podem se constituir pela fama, não podem existir. A fama entra na lógica do concreto e da violência, que aí se conectam, como se fizessem parte da própria vida do sujeito em crise. Perde-se a noção do que é autêntico, na medida em que os famigerados buscam ocupar, e conseguem ocupar concretamente, os meios de comunicação. E os meios de comunicação são também as ruas das periferias, não apenas os jornais, rádios e televisões. Os meios de comunicação são também o próprio corpo e a mente das pessoas, que podem ser usados de um modo violento ou não, pelos famigerados. Mas quem está livre de ser um famigerado, ou pode dizer que abdicou do desejo de fama, em meio a uma cultura que satura a capacidade de pensar, levando à depressão crítica do sujeito, asfixiado pelos objetos? Andy Warhol, como se sabe, propôs uma solução onírica – uma brincadeira – para este dilema: todos têm direito a quinze minutos de fama.

É o uso, a necessidade e o desejo de um cenário para a violência, que alimenta a famigeração, que faz dos meios de comunicação um elemento tão visado pelas censuras, sejam externas ou internas ao sujeito. Pois o cenário é uma parte essencial da violência. Sem cenário não há violência, pois a violência perde a importância, ou o famigerado não obtém o que mais precisa – emergir sua identidade. Os cenários de violência são inúmeros, e podem ser criados e recriados em qualquer lugar e a todo momento, entranhados que estão com a própria vida.

Em psicanálise, por exemplo, o cenário é o da violência psíquica. É o da pessoa

que, tendo introjetado a violência, pode, por exemplo, estar concretamente prestes ao suicídio, de diferentes formas. Suicídios por rupturas com submissões a tiranias internas e externas, conscientes ou inconscientes. Falamos em superegos tiranos para sintetizar, representar formas como as pessoas *se calam a si mesmas*, quando não podem, como os famigerados, calar o outro.

A perplexidade que atinge o psicanalista não é muito diferente da perplexidade do cidadão comum, que se pergunta: mas, afinal, será que não conseguirei fazer alguma coisa que funcione, a partir desse saber que tenho?

Talvez possamos ir um pouco além dessa perplexidade, pois o psicanalista pode observar alguns fenômenos de um ponto de vista privilegiado. Além de inúmeras vezes ser capaz de ajudar os seus analisados, vemos também que a psicanálise de uma pessoa provoca uma grande perturbação no grupo de onde a pessoa vem. Possivelmente porque o analisando, ao se submeter à análise, tira da circulação do grupo (exclui) pelo menos uma parte de sua intimidade. E o grupo, que muitas vezes era quem excluía ou discriminava aquela pessoa, não suporta que a pessoa, por ele excluía, exclua o grupo da sua análise. O grupo – ou parte dele – muitas vezes reage denegrindo a análise, de todo modo que lhe for possível. O analisando também associa-se muitas vezes à empolgação do grupo no ataque à análise, pois afinal ele carrega o grupo interna e emocionalmente. Na verdade, vemos se repetir em menor escala, em vários cenários civilizatórios, a violência que precisa ser concretamente contida pelo grupo e pela sociedade, e a violência que a partir daí ou de outras maneiras o indivíduo busca conter através de internalização e simbolização.

Essa questão da exclusão que o grupo produz em relação a um indivíduo que demanda um outro cenário para a violência, como o da psicanálise, onde busca elaborar, administrar e não apenas descarregar, é essencial. Esse fenômeno, que todo psicanalista já viveu, traz um esclarecimento

adicional. A psicanálise é tão atacada, e sempre o será, porque o psicanalista se coloca em uma intercessão tal entre o indivíduo e o grupo que é visto todo o tempo como um possível elemento denunciador das violentações de ambas as partes. Nem sempre temos meios de evitar que isso ocorra. O que fazemos, sim, e somos bastante firmes e disciplinados nessa tarefa, é trazer o tempo todo para o cenário analítico a elaboração da violência interna, emocional, funcional e estrutural de nossos analisados. Sabemos que não temos o único cenário possível para a elaboração da violência, porém acreditamos poder encontrar suas raízes e trabalhar nelas de um modo único. As múltiplas formas de exclusão, que ocorrem a todo momento, atravessam igualmente os nossos clientes. Nossos clientes não são privilegiados: eles apenas resolvem enfrentar de um outro modo, que não a famigeração, a dor e a violência da exclusão – o que não é nada fácil, pois depende da criatividade da dupla.

Partimos do questionamento da violência nos sertões de Guimarães Rosa, como se aí ela fosse especialmente violenta. O que entendemos é que aí ela é especialmente concreta. Digamos que a violência que habita nos sertões da personalidade humana está também a todo tempo pedindo, demandando para ser integrada na personalidade. Se fizéssemos uma analogia do Brasil com a mente humana, diríamos que o psicanalista trabalha exatamente com os sertões, ou com a periferia das nossas grandes cidades, primeiras a receber os sertões. A periferia é o excluído da organização da cidade. É o caos, o não-organizado, os sertões, o não-civilizado, o arbitrário. Mas também é o que pede desesperadamente para ser compreendido, para ser incluído, para se tornar civilizado, legítimo, através de alguma criação simbólica possível. Paradoxalmente, o crime dos sertões ou das periferias das cidades pode ser um modo do sujeito ser incluído, legitimado, na medida em que através dele entra-se no sistema legal, no sistema das leis, da civilização, pela porta

da contravenção. Isso combina com o fato de que a própria urbe da modernidade foi planejada e construída visando o coletivo em detrimento do individual, como um resultado perverso da cultura.

O grupo precisa do indivíduo para demonstrar que suas leis estão certas, e necessita que a maioria aceite as leis ou regras que o contêm, mas precisa também que alguns indivíduos não cumpram as regras e, assim, seja demonstrado novamente que as normas devem ser mantidas, e que o comando do grupo tem uma função importante. O indivíduo, apesar de em geral preferir se esconder e se proteger com a linguagem grupal, por outro lado pode sentir necessidade de transgredir para ir além do grupo, viver sua própria vida. Pensando nessa articulação importante entre o indivíduo e o grupo, encontramos em 7 de janeiro de 1998 a seguinte matéria no jornal *O Estado de S. Paulo*: “Estátua da Pequena Sereia é Decapitada”.

A matéria publicada explicava que a estátua da Pequena Sereia, símbolo nacional da Dinamarca e personagem do conto homônimo de Hans Cristhian Andersen, havia sido decapitada por uma segunda vez. Dizia a reportagem: “A célebre estátua já sofreu diversos ataques. Em 1964, ela foi decapitada e o atentado reivindicado pelo artista dinamarquês Jorgen Nash, que relatou o fato num livro. Ele jamais foi processado, por falta de provas. Nash, que vive atualmente na Suécia, declarou nada ter a ver com o presente atentado”. Por que uma pessoa reivindica notoriedade, fama, importância, em função da destruição de um símbolo, tenha sido ela ou não a autora do atentado?

Essa pessoa quer fama e tudo o mais em função da destruição e não da construção de um símbolo. Quer calar a Pequena Sereia? Calar a sua vontade como sujeito do seu desejo, como já mencionamos? Não sabemos, mas de qualquer modo estamos agora falando de violência, no centro mesmo e não na periferia de uma grande cidade – e no centro de uma grande capital do Primeiro Mundo. E quem está envolvido é um artista, alguém de uma categoria que

hipoteticamente faz parte da construção daquela cultura. É uma *performance* do artista, possivelmente.

Seria essa violência, seja *performance* ou não, o exercício de um poder arbitrário que em essência priva a todos do sentimento de poder cuidar de uma riqueza comum, em troca de alguns minutos de fama e prazer sádico? Seria um ataque à história, à noção de tempo e da possibilidade de desenvolvimento? Destruindo o tempo, destrói delirantemente os antepassados do grupo e os seus próprios antepassados? Mas qual seria a função, o que o sujeito imagina ganhar com isso? É possível que o sujeito delire que desse modo ganhará espaço e reconhecimento para si próprio, para sua própria importância, talvez muito abalada. Isso parece muito pouco, seria um mecanismo excessivamente individual, que poderia construir um sintoma neurótico. Porém, nesse caso, algo transborda em direção ao público, saindo do puro sofrimento neurótico individual. E se tomássemos mais uma vez o caso como não sendo gratuito, supondo que o autor do atentado fosse um outro artista e não o que costumamos chamar de vândalo, entraríamos na compreensão de um dos mecanismos da construção simbólica. Qual seja, o “símbolo concreto” precisa não apenas ser construído, mas também desconstruído e novamente reconstruído, para que tenha algo a ver não apenas com o passado daquela cultura, mas que, como um símbolo vivo e presente, aponte também para o futuro. Precisa enfim ser questionado para se manter vivo, para manter sua importância, não apenas de estátua ou bandeira. Será esse símbolo vivo, criado e recriado permanentemente pelo indivíduo em conjunção com o grupo, que terá condições de intermediar o dilema *narcisismo x socialismo*. O vândalo, por sua estrutura assimbólica, faria apenas o outro pensar se deseja mesmo manter e defender aquilo. Claro que ele mesmo não pensa. Ao contrário, o artista Nash, em sua *performance*, pode ter buscado isso pensando, consciente e intencionalmente, como se quisesse dizer: vocês construto-

res das cidades desumanas acreditam mesmo nessa pequena sereia como indivíduo representativo desta cultura? Entretanto, nem sempre é possível ter essa consciência da separação entre os “símbolos concretos”, os ícones, das tempestades emocionais autênticas que os constroem e destroem. E nem sempre é possível dar-se conta de que o essencial do simbólico – aquilo que promove sua permanência – não é concreto.

Eis que surge no centro mesmo da dinâmica da simbolização, no seu coração, o pulsar das experiências emocionalmente vividas. E isso é tema não apenas da psicanálise. As experiências emocionais vividas poderiam ser recuperadas em vários setores, como pontes em direção à interdisciplinaridade. Nesse sentido, podemos construir uma ponte entre a psicanálise e certos conhecimentos da filosofia moderna. Resumiremos um pequeno trecho, que nos pareceu de extrema importância, de um trabalho do filósofo Aduino Novaes (6). Após criticar um certo conhecimento que chegou a conceber o mundo como uma máquina “sem emoção, construída e comandada por um Deus carregado de emoções, com todo poder sobre as emoções”, Aduino Novaes continua:

“A razão cartesiana – a partir disso – abandona a antiga pretensão filosófica de ser um modo de vida (de amor pelo conhecimento); transforma-se em mecânica do pensamento. A razão passa a ser uma linguagem abstrata. É a ciência que manipula as coisas e se recusa a habitá-las, como definiu Merleau Ponty, e reforça a divisão entre o corpo e a mente. Mas qual a [...] contrapartida? A resposta é dada pelo poeta Paul Valéry: ‘A única coisa que penso com amor, penso também com dor. Que coisa é essa? É você ou sou eu’ [...] O cogito vem pois acompanhado do objeto de cada cogitação. [...] Mais ainda: essa nova relação do cogito, conforme Merleau Ponty, exige de nós experiência [...] Mas, adverte o filósofo, não basta viver esta experiência; é preciso que se extraia dela o seu sentido ou sua significação”.

Dito isso pensamos que nesse ponto tanto a filosofia de Merleau Ponty como as reflexões de Paul Valéry caminham na mesma linha da psicanálise. Destacamos em particular a vasta e persistente contribuição de Bion, ao colocar o aprender da experiência emocional no centro da elaboração psicanalítica. E, mais ainda, seus estudos sobre grupos, particularmente o que já salientamos sobre o dilema narcisismo x socialismo. É aqui também que poderemos pensar nessas partículas *e x ou*. Pois estão aí condensados, como seria investigar em um campo de interdisciplinaridade, com outras disciplinas, e em particular com aquelas ligadas à saúde mental. Campo muito frágil, pois pensamos muito em termos de *ou eu ou você* e não em *eu e você*, em vista de metodologias e práticas clínicas muito diferentes. A especialização nos separa e ao mesmo tempo nos coloca frequentemente diante de nossas faltas, incompletudes.

Tentaremos, a seguir, a partir de alguns desenvolvimentos bionianos sobre grupos e kleinianos ligados aos conceitos de identificação projetiva e simbolização, esclarecer um pouco mais nosso pensamento sobre essa dinâmica entre as disciplinas.

## A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

“No deserto de Atacama, no norte do Chile, não chovia havia 40 anos. De repente caiu um aguaceiro, e, 48 horas depois, o deserto estava coberto de flores” (7).

### Narcisismo x socialismo

Bion, entre 31 de janeiro e 1º de fevereiro de 1960, escreveu (8): “Narcisismo e Socialismo”. Estes dois termos deveriam ser utilizados para qualificar duas tendências, uma egocêntrica e outra sociocêntrica,

6 “A Lógica Atormentada”, in *A Crise da Razão*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 15.

7 H. Wever, in *Folha de S. Paulo*, 27 de junho de 1999, Caderno Especial.

8 W. R. Bion, *Cogitaciones*, op. cit., p. 138.

considerando que conformam grupos de impulsos da personalidade. São iguais em quantidade, mas de sinal contrário. Assim, se em um momento dado os impulsos amorosos são narcisistas, então os impulsos de ódio são socialistas, isto é, dirigidos ao grupo, e vice-versa: se o ódio se dirige contra o indivíduo como parte da tendência narcisista, então o grupo será amado socialisticamente. Isto é, se A odeia B, como expressão narcisística, então amará a sociedade. “Eu odeio B porque é maligno para a sociedade que eu amo” poderia ser uma afirmação sintomática do que se chamaria um estado de ódio narcisista. Admite implicitamente um enunciado socialista. Os dois *devem* caminhar juntos. Se um intervém, o outro também intervirá.

“Disto se segue que se A sente ódio narcisista, então B sente amor socialista. Se A se trata de uma pessoa então B se trata de um grupo de pessoas que possuem as admiráveis características que a diferenciam de A, o qual carece delas. Posto de outra maneira: se um grupo de impulsos é dominado por tendências narcisistas, então o resto dos impulsos estariam dominados por tendências socialistas. Suponhamos que X é uma pessoa: se seus impulsos de ódio são socialistas, seus impulsos de amor serão narcisistas. Mas suponhamos que os impulsos para si mesmos, digamos impulsos de amor, resultam ser narcisistas, então todos os seus outros impulsos resultarão socializados, e ele se excindirá a si mesmo dentro do grupo. O amor para o *self* não é necessariamente narcisista; o amor para o grupo não é necessariamente socialista. Em um dos pólos tem um objeto, em outro extremo existem infinitudes de objetos. Em um pólo haverá um objeto para o qual se dirigirão um grupo de emoções, no outro as emoções se dirigirão para uma infinidade de objetos que são resultado do *splitting* do objeto.”

Entendemos dessas cogitações que o *self* se fragmenta e inunda o objeto (tendências socialistas) impregnando cada fragmento de amor narcísico, anulando assim a dualidade amor/ódio. O indivíduo, ao estar

no grupo, tendo suas tendências socialistas inundadas por seus impulsos narcisistas, dirigirá sua ação de acordo com seu narcisismo, contrariamente às tendências grupais. Não é porque um indivíduo está num grupo que seus interesses sejam socialistas, pois um grupo não é o coletivo do individual.

A frustração inevitável da necessidade do esforço da reflexão individual, que caracterizaria a busca da constituição de um grupo de trabalho, está em desacordo com tendências narcisistas, onde é o grupo que deve se conformar com os desejos individuais. O psicanalista, como pessoa dentro do grupo de trabalho, está exposto ao inevitável componente de estar-só, isolamento e dor, associados ao crescimento e à evolução. Se o grupo em que o indivíduo está inserido funciona segundo os critérios de suposto básico, então, a ilusão de realização de tarefas, na verdade, se caracteriza por uma destruição dessas tarefas. A dinâmica do grupo é socialmente provocadora de impacto sobre o indivíduo porque as leis do grupo são mais fortes do que as necessidades do indivíduo, resultando daí um ataque velado ao grupo.

Poderíamos dizer que, se narcisismo x socialismo é igual à frustração de todos os instintos, narcisismo + socialismo = sionarcisismo, que resulta na destruição do grupo.

## A criança

A criança se expressa e se exercita na elaboração de seus conflitos e pulsões pelo jogo. O lúdico, por estar a serviço da VIDA, revela o “jogo” viver. Vida e Morte são presenças no desenvolvimento do indivíduo que aparecem no texto de Bion, bem como numa *brincadeira* infantil. Recuperar esse exercício pode ser uma alternativa para psicanalistas e outros profissionais.

É interessante compreender o significado do jogo-da-amarelinha, utilizado pelas crianças que compulsivamente buscam

o controle da morte e da sexualidade do casal parental, ou seja, exercitam-se nas tendências narcisistas  $\Leftrightarrow$  socialistas. A brincadeira é sempre grupal, embora possa ser realizada individualmente, e consiste em: riscar, no chão, quadrados gêmeos entremeados com quadrados isolados e centrados entre os dois gêmeos superiores e inferiores. Depois desse padrão se repetir duas ou mais vezes, encerra-se com uma semilua, denominada *céu*. De frente para a amarelinha, joga-se uma pedra no primeiro quadrado, e pula-se intercalando os pés: um no quadrado individual e dois no quadrado duplo, evitando-se aquele em que se encontra a pedra. Ao chegar ao céu (semilua), volta-se da mesma forma, e, na passagem pelo quadrado que contém a pedra, toma-se posse dela. O jogo continua acertando-se a pedra nos outros quadrados até que todos tenham sido completados. Perde-se ao se pisar nas marcas que limitam os quadrados. Vai-se para o inferno. Existem variações regionais complicando o jogo ao ter que jogar a pedra de costas, ou conduzi-la equilibrando no dorso da mão direita, depois esquerda, ou no dorso do pé, direito depois esquerdo, ou ainda conduzindo-a na cabeça. Uma complicação interessante é a necessidade de ir pulando num só pé e ir chutando a pedra casa por casa conduzindo-a até o céu sem deixar que saia do limite dos quadrados.

Ao dominar o desafio entre um quadrado, um pé (narcisismo), e dois quadrados, dois pés (socialismo), alcança-se o céu (ausência de angústia = paz): ao pisar no limite cai-se no inferno (dor) por não dar conta de articular as duas necessidades (crise).

Com a repetição compulsiva e a necessidade de vencer, a criança exercita-se no jogo da vida (fatos = pedra) que lhe impõe um constante transitar entre o narcisismo e o socialismo (o retículo do jogo). Pular a pedra ou conduzi-la são formas diversas (que criam e recriam) com as quais a criança se capacita no exercício lúdico.

Por ser observado em todas as culturas e passar de geração em geração, o jogo adquire o *status* de veicular significados pulsionais com tentativas de elaborá-los.

## As instituições e a interdisciplinaridade

*Cata strophé* dos gregos significava retorno, reordenação. A *cata strophé* referia-se à volta para a serenidade após emoções intensas do *pathos*. A tragédia era superada pela elaboração do drama.

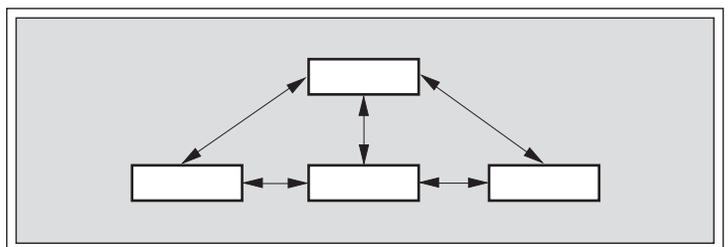
A interdisciplinaridade e o estudo dos grupos, como foi a tragédia para os gregos, deveria merecer por parte dos psicanalistas e outros profissionais uma atenção maior, permitindo que passemos da catástrofe  $\Rightarrow$  *cata – strophé*.

Por que interdisciplinaridade? No dizer de André Green: “Um analista não pode manter sua identidade no isolamento”. Igualmente outros profissionais. E o psicanalista, ao se envolver com outras disciplinas, poderá acompanhar os fatos que permeiam os grupos, auxiliando-os a se haverem com suas diferenças e crises.

Freud dominou várias disciplinas. Essa herança fez com que os psicanalistas se dedicassem a estudos em vários campos, como, por exemplo, arte em seu sentido estrito e lato, ciências naturais, antropologia, mitologia, filosofia, etc. Entretanto, dominar conhecimento não irá caracterizar a interdisciplinaridade, mas uma superposição e um aglomerado de disciplinas sem a correspondência fértil entre elas, e o resultado será estéril para o grupo.

*Interdisciplinaridade*: axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de finalidade. Configura-se como um sistema de dois níveis e de objetos múltiplos; coordenação procedendo do nível superior. Podemos representá-la pelo gráfico (9):

9 H. Japiassu, *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*, Rio de Janeiro, Imago, 1976.



Talvez o ser humano tenha descoberto que a psicanálise pode lhe propiciar a capacidade de pensar, e com isso a possibilidade de possuir um recurso que lhe permita continuar existindo e persistindo viver, sem necessidade de usar ou construir tantos monumentos duradouros e faraônicos como foram as pirâmides do Antigo Egito. A pirâmide acima representa (não confundir com pirâmides energéticas) uma abstração de interdisciplinaridades, um pensamento apenas, mas não há nada mais duradouro do que o pensamento. O pensamento grego resistiu mais ao tempo e às intempéries do que muitos monumentos. O problema é que os pensamentos, os conceitos quando isolados da experiência humana, nos arrastam a uma tecnologia potencialmente perversa, desencarnada, como já salientamos.

Não se trata de colocarmos a psicanálise na contramão da evolução das ciências conceituais e tecnológicas. Pensamos que novamente as idéias de Bion sobre visão binocular podem confluir como outra contribuição para a interdisciplinaridade.

Essas idéias podem ser resumidas para o caso que estamos tratando, com a postulação kantiana de que “a intuição sem conceito é cega, e o conceito sem intuição é estéril”. Tal visão binocular poderia nos abrir vastas perspectivas no campo da interdisciplinaridade, pois as disciplinas conceituais, universitárias, isoladas, podem se tornar intelectualizações estéreis. A psicanálise intuitiva, apenas clínica, pode se tornar cega e um culto iniciático.

No movimento psicanalítico, a utilização de um modelo em que cada retângulo, ao invés de corresponder a uma disciplina, correspondesse a um grupo psicanalítico, nos dá oportunidade de vislumbrar um novo campo de estudo para as nossas instituições, considerando como possibilidade de se organizarem com as características de grupos de trabalho. A constituição de grupos de trabalho favoreceria e exigiria a continência de nossas partes narcísicas e o desenvolvimento de nossas tendências grupais, para alcançarmos uma integração científica com outras disciplinas que estão comprometidas com o bem-estar do Homem.

## A clínica

A psicanálise se esparrama e impregna todas as instituições. É raro uma escola cujo psicólogo não trabalha com referenciais psicanalíticos. Numa discussão de um filme com certeza se lançará mão de conceitos psicanalíticos.

Entretanto, é na clínica que os terapeutas (psiquiatras, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, assistentes sociais e muitos outros), através de suas análises, supervisões e estudos teóricos, poderão se beneficiar das contribuições da psicanálise como indicaremos com a vinheta clínica logo adiante, que representa apenas um exemplo de uma infinidade de situações semelhantes. Além disso, é na clínica que se poderá encontrar, de um modo mais evidente, a potência crítica da psicanálise, em função das crises de que ela toma parte, cria e subverte. Enfatizamos agora, novamente, que é pelo seu aspecto crítico que se dá a maior contribuição da psicanálise, e por onde ela abre seu lugar na cultura.

Uma dificuldade muito freqüente que encontramos entre colegas mais jovens, que estão iniciando o atendimento de pacientes – e em geral começa-se pelos casos, não diríamos mais difíceis, porém mais desamparados –, corre por conta de um enorme desejo de que o cliente se torne uma pessoa como as outras. Ou como o próprio profissional. Vale dizer, que seja uma pessoa trabalhadora, honesta, de bem com a vida, capaz de amar e estabelecer vínculos, etc. Evidentemente isso tudo é muito desejável. Contudo, tal desejo pode às vezes funcionar como uma defesa do profissional no sentido de não entrar em contato com uma realidade diferente da sua, caracterizada por um excesso de sofrimento, que ele não consegue imaginar como pode chegar naquele ponto.

Vamos trazer um exemplo concreto, de como dois profissionais lidaram com uma configuração que em psicanálise, desde Melanie Klein, chamamos de identificação projetiva excessiva. Trata-se de dois psiquiatras que atendem, cada um em seu con-

sultório evidentemente, dois pacientes esquizofrênicos, em psicoterapia, ambos devidamente medicados, e que vivem com estes uma situação peculiar. Ambos os pacientes mostram no olhar, quando chegam para suas sessões, o que os colegas que os observam designam por uma absoluta ausência de vida. Parecem estar mortos. Não dá para saber onde está a vida, nas “janelas daquelas almas”, como se costuma chamar os olhos.

Um dos colegas, psiquiatra de não muita experiência, de vida e de análise, sente-se invadido por um amortecimento insuportável à medida que vai procurando convencer seu paciente a fazer alguma coisa na vida: trabalhar, usar sua profissão, ser feliz de algum modo. Ele não se conforma com a situação de seu paciente, e ao mesmo tempo é invadido por uma enorme sonolência. A “morte”, a falta de vida, a impossibilidade do paciente representar o seu sofrimento verbalmente de um modo pleno e emocional, vão levando nosso jovem colega a ir se dando por vencido, sem condições de ajudar seu paciente. Para ele é difícil saber

que ele não sabe o que fazer, diante do sofrimento, porque também tem medo daquele sofrimento. O que será, que fantasias e horrores podem se esconder atrás daquela máscara mortuária? O jovem colega, como é natural, ainda tem medo de gente, medo do sofrimento humano e da violência, que aqueles olhos embaçados podem esconder. Se aparecer o sofrimento, se aparecer o que ele nunca viu, será capaz de conter? Eis que o sono o invade, identificando-o com um morto-vivo, misturando-o na defesa mortífera. Claro que o terapeuta se sente pouco confortável e ético, em função da culpa que o invade.

Nosso outro colega, pessoa de longa experiência de vida e elaboração analítica, vale dizer, sem tanto medo do sofrimento, ou de pessoas, e mais consciente de suas limitações, ao atender seu paciente procede de um modo mais psicanalítico, na medida em que abre mais espaço para a criação simbólica, apesar da modificação técnica. Assim, percebe a cada sessão que seu paciente está ausente da vida. Seu olhar está absolutamente ausente, morto, sem alma,

Trigal com  
Corvos, de  
Vincent Van  
Gogh



como descrevemos em relação ao caso anterior. O colega descreve também que o seu paciente parece visualmente pouco nítido, sem contornos definidos quando chega ao consultório. Sabedor de que não tem sentido deixar-se invadir pelo amortecimento, nosso colega toma de lápis colorido e papel e pede ao seu cliente que procure representar no papel desenhando o que está sentindo. Ele não desenha bem, mas desenha. Em seguida nosso colega dialoga com seu cliente sobre o desenho e, quando ele não consegue falar, pede que escreva sobre seus sentimentos, sobre aquelas figuras que desenhou. As figuras, em geral, são pouco nítidas, ou incompletas em uma parte ou outra, e sempre algum intenso sofrimento é descrito pelo paciente, ao falar ou escrever sobre seus personagens. No final das consultas, o paciente parece nitidamente mais vivo no olhar e seus próprios contornos parecem mais nítidos ao colega. Ou seja, o colega também passa a ver seu paciente com outros olhos.

Não queremos provar que uma técnica seja melhor do que outra, pois isso abriria espaço para muitos questionamentos. Gostaríamos apenas de chamar atenção para o fenômeno da identificação projetiva, que no primeiro caso obteve êxito e paralisou a evolução da dupla. E no segundo caso, na medida em que o colega estava sem medo do sofrimento e mais disponível para a investigação, pôde não ficar paralisado pelas defesas mortíferas do paciente e convidá-lo a trabalhar com o que era possível, sem ficar tão preso aos fatos concretos ou em um diagnóstico fechado.

Continuando, porém, mais um pouco, com esse segundo caso, no qual parece existir uma evolução maior, na medida em que isso se dá e o colega aprofunda seu relacionamento com o paciente, novas questões aparecem. Em uma das sessões, pela frustração de um feriado, o analista denotou o ódio presente, que foi negado com irritação pelo paciente e referido como se fosse de sua mãe. Desenhou, logo a seguir, a pedido do terapeuta, um desenho livre. Apareceu uma mulher, sendo o abdômen e suas pernas representados por um pilão, e com suas

mãos, no dizer do paciente, a mulher moía com o socador algum material contido no seu interior (ao nível do útero). O colega tentou se aproximar dos significados daquela figura, porém o paciente reagiu com muita raiva, acusando o colega de que os psicólogos só pensam em sexo. O colega reagiu de um modo algo diferente. Sentiu raiva também do paciente chamá-lo de psicólogo, e entrou em um certo confronto com o paciente. Agora também a identificação projetiva foi exitosa. Parece que faltou ao colega, naquele momento, poder lidar com a violência mobilizada pela separação, reeditando ódios primitivos originários de uma figura combinada, como parecia a figura do desenho. Ou seja, tal figura poderia ser uma forma como o paciente estava simbolizando de um modo vivo a violência da figura combinada. E nesse momento os tenros desenvolvimentos simbólicos não puderam ser contidos pela dupla, apesar de novamente ter eclodido uma explosão de vida.

Nesse ponto retomamos a menção que fizemos “ao aguaceiro que caiu sobre o deserto de Atacama” recentemente, e que, após 40 anos de seca, possibilitou uma explosão de vida. Uma pergunta pode ser feita: até quando essa vida, aquelas flores vão durar? Com certeza não muito tempo. Porém o suficiente para produzir novas sementes (esporos), suficientemente resistentes, para voltar a florescer nas próximas décadas, depois de algum outro aguaceiro. Digamos que os aguaceiros que nosso colega promove, naquela vida seca de seu paciente, tenham posto em evidência muitos símbolos-sementes. E eles são relativamente contidos. Porém não são muito duradouros. O “deserto” volta a preponderar e na sessão seguinte novamente o paciente está seco, sem vida aparente. E mais estimulação-chuva-fertilização é necessário, e assim sucessivamente. Eis que na “sessão da figura combinada” o símbolo que aparece é muito forte para ser contido pela dupla, acostumada a pensamentos mais tenros. Como as pequenas flores do deserto.

O símbolo agora toca mais profundamente no sujeito. Vai às suas origens. E surge uma ameaça de separação, porque o

narcisismo de cada um é ferido e intensamente mobilizado. E a dupla, em vez de trabalhar no registro do *eu e você*, passa a trabalhar ameaçadoramente, para a sua permanência, no registro do *eu ou você*. Assim sendo, além da estimulação-fertilização, para lidar com o abismo entre *eu ou você*, do *amor e dor*, é necessário ir em direção ao registro do *eu e você*. E voltar novamente ao *eu ou você*. Não basta apenas amor e dor, como escreveu Paul Valéry. Há necessidade de conter a simbolização-semente mais complexa que emerge da relação. É preciso novas condições na dupla para cuidar do novo, para que cresça e se transforme. Não basta a sensibilidade, é

preciso conceituação, simbolização, pensamento que acolha essa sensibilidade.

Para uma vida mais complexa é preciso ir além do deserto. Importante também é a sensibilidade que pode perceber e aceitar vidas tão rudimentares, e ao mesmo tempo tão elucidativas. E, igualmente, abrir lugar para formas primárias de existência também no psiquismo humano. Continuamos lidando, em outros níveis, com o problema do desequilíbrio-equilíbrio entre excesso e escassez, ou, ainda, com a crise-crítica que pode desencadear uma evolução ou uma depressão catastrófica. E devemos continuar arriscando, pois do contrário resta apenas a morte.